

**GRUPO PANDORA E O ESPETÁCULO *COMUM* - O TEATRO COMO MEIO E PRÁTICA DE DESVELAR O PASSADO. O DESTERRO DO LAMAÇAL DAS COVAS CLANDESTINAS DO CEMITÉRIO DOM BOSCO: UMA REVISÃO NECESSÁRIA E IMPRESCINDÍVEL,**  
por Everton da Silva José<sup>1</sup>.

Chafurdar na lama do passado constituído por mãos humanas e interesses controversos, práticas humanas e armas estatais, economia e mortes inúmeras, não tem nada de belo, senão pelo ato de comprometer-se com aqueles e aquelas que foram tomados pelas armadilhas, torturas, violências e intermitente menosprezo dos direitos humanos ocorridos na chamada, por eles e seus apoiadores, de “Revolução” de 1964, mas por nós, e pelo Teatro de Grupo de São Paulo bem conhecida como ditadura civil-militar brasileira.

O Grupo Pandora de Teatro, em 1º de setembro de 2024, apresenta a obra teatral *Comum* na 6ª Mostra de Teatro de Heliópolis. O espetáculo se ancora na perversa história brasileira referente ao período ditatorial brasileiro e, por meio de sua prática de teatro de grupo, investiga e promove uma traduzibilidade das execráveis atitudes humanas com requintes de sordidez concernentes a tal período.

O Grupo e seu elenco, pela necessidade da cena, transitam por representar um conjunto de procedimentos de interpretação e acurácia teatral e, desse modo, apresentam um frutífero trabalho criativo. O espetáculo conta com um conjunto de teatristas, cuja inscrição crítica é valiosa para sabermos aqueles e aquelas que se responsabilizam pela proposição teatral. Por tal compreensão, responsabilizam-se Filipe Pereira, Rodolfo Vetore, Rô Vicente, Thalita Duarte, Wellington Candido, Elves Ferreira, Caroline Alvez, Filipe Dias, Thais Kaori, Lucas Vitorino e tantas outras parcerias que, sem subterfúgios, enveredam pelo tortuoso processo de trazer as sombras do passado brasileiro ao palco e ao instante presente.

Retirar a terra com as mãos do soterramento histórico, oferecer-se para tratar das vidas depositadas nas paragens das covas comuns é o que se vivencia no universo

---

<sup>1</sup> Doutorando no PPGA-IA-Unesp, Mestre e Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atua como Professor de Arte e Teatro, Pesquisador com ênfase em estudos sobre o Teatro Brasileiro, Crítico de teatro. Integra o Grupo de Pesquisa Práxis épico-populares em perspectivas críticas: documentação de experimentos teatrais, sob a coordenação de Alexandre Mate e Simone Carleto Fontes.

ficcional, que seria outro se outra fosse a história real. No entanto, os fatos não são invenções e a vida não é bem assim, podemos dizer, teatral.

O Grupo Pandora, em pesquisa cênico-dramatúrgica, coloca em elaboração estética, teatral e histórica um dos ditames da clausura da ditadura civil-militar brasileira, em que tematizam como território artístico a descoberta da vala comum e, destaca-se, clandestina, na qual presos políticos e opositores de tal regime de sociabilidade obtiveram triste parada, a saber: o Cemitério Dom Bosco, bairro de Perus, cidade de São Paulo.

*Comum* é entremeado por documentos da barbárie histórica com recursos teatrais de epicização e dramaticidade para a tentativa de responder à questão: “o que foi tudo isso?”. A obra configura, como mediação entre a realidade e a ficção, três enredos que, ao deambularem e se diferenciarem, se encontram, centripetamente, na abordagem central a qual é ocorrida pela descoberta da vala clandestina de medidas extravagantes de dois metros e setenta de profundidade, cinquenta centímetros de largura e trinta metros de comprimento.

Ainda assim, as medidas não são menos repulsivas do que as mortes de insubstituíveis vidas que, por infortúnio e ações humanas reacionárias e ideologicamente pautadas à direita, foram violentamente ceifadas e vilipendiadas, não sendo oferecidas aos seus familiares para sepultamento digno. Os ratos repulsivos sabiam da sordidez atada às vidas arrebatadas pela tirania ditatorial e visavam esconder e acobertar da história práticas devastadoras dos corpos, de famílias, de uma sociedade, de um país chamado Brasil.

A obra cênica poderia ser aproximada a uma das tônicas da poesia de João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*, “É A PARTE QUE TE CABE NESSE LATIFÚNDIO”, ou até mesmo, da composição musical *De Frente Pro Crime*, de Aldir Blanc e João Bosco, em que se encontra a frase “tá lá o corpo estendido no chão”. No entanto, este último homônimo, um outro “Bosco”, não é o do cemitério em que se descobriram as covas que escondiam parte da criminalidade instituída no seio do Estado brasileiro pelas práticas de violências aos que se opuseram a tal regime.

Na década de 1990, a vala, as ossadas e parte das máculas repugnantes do período de 21 anos de ditadura foram desveladas e, com isso, o espetáculo *Comum* evidencia, por meio de teatralidade de viés político, atos assombrosos, no entanto, fatos da realidade nacional.

O Grupo Pandora abre sua caixa... Perus/território/margem. O espetáculo *Comum* persiste e insiste desde sua montagem, no ano de 2018, em fazer ar e arejar as enfermidades históricas brasileiras ditatoriais. O espetáculo se torna terreno da memória e se põe a instaurar no presente o passado. Uma peça de teatro com contornos

estéticos historicizados e, nos interstícios do evento teatral, o Grupo comemora parte de sua trajetória criativa e artística resistente às margens da centralidade paulistana. Por meio da prática de Teatro de Grupo, *Comum* é uma obra substancial sem ser demagógica ou intransigente. Desse modo, *Comum* abre os veios da história lamacenta brasileira e, ao mesmo tempo, desvela a cova clandestina às pessoas da plateia.

Ao som dos justos detentores da farda militar - isto é uma ironia - não há justiça que não se faça pela mão de outrem, do Estado por meio de ordenações de inomináveis. A banalidade do mal, conceituação de Hannah Arendt referente ao Julgamento de Nuremberg, se evidencia na câmara do presente não fortuitamente. Não há responsáveis? Quem foram os algozes? Apenas cumpriram ordens? O Grupo Pandora, em grande faixa, toma o seu lado e, por mãos a talhar com tinta a folha em branco, inscreve na cena: "RESISTIREMOS".

No interior do jogo cênico, nota-se que a realidade é tratada pela ficcionalização dos jovens Carlos e Beatriz, um par, um casal que, por vezes, sobeja o aspecto dramático, por vezes aprofunda a roupagem de traços épicos, ainda que, por saltos, atuem de modo a representar jovens estudantes de classe média, cuja relação é concluída por uma afetividade dramática e tornada trágica pela conjuntura inóspita daqueles que, pelo elo emocional e crítico, vieram a ser amantes nas batalhas estudantis contrárias à operação dos contornos perversos do regime ditatorial.

Ao tomar a história de tal período, o texto tem peso cru, aspereza bruta e, de fato, contribui para o compartilhamento de conhecimentos com *secura* para os que não haviam considerado a descoberta da vala clandestina e os respectivos crimes contra a humanidade promovidos pelos órgãos do Estado ditatorial. Todavia, o Grupo realiza um salto contundente no tratamento teatral de mediação entre a gravidade temática e o entrelaçamento ao campo cômico por meio das personagens de *Zé Pardal* e *Zé Lerdeza*, personagens que cumprem a função social de sepultadores de corpos, no sentido popular, coveiros.

A dupla de atores quebra o tratamento dramático e, por meio das artimanhas da melhor arte cômica, promove uma contraditória sensação ao trazer, oportunamente, uma patuscada de contornos populares, místicos e fantasiosos. A teatralidade realizada pela dupla faz emergir o riso que, mesmo leve, não desestabiliza a seriedade da comicidade de bases sociais e populares. Destaca-se o uso do recurso do tratamento estrutural cômico por conseguir, apesar de inóspito ser o tema, uma forma de comicidade comprometida com rigor e astúcia.

*Comum* torna-se e apresenta-se como um espetáculo necessário, pois seu tratamento criterioso e elaborado configura um processo didático para acessar as histórias não contadas ou pouco ditas. *Comum* em sua densidade, comunica e aponta

uma função social do teatro: não a de inebriar os sentidos, mas a de convocar um teatro científico, no qual tomar conhecimento é ater-se às estruturas de sociabilidade humanas.

Nunca será tarde demais, nem cedo demais para revirar o passado e decidir-se por apurar as estruturas históricas e seus sentidos, que não são incólumes. O Grupo Pandora de Teatro compromete-se com seu território e, a partir dele, expande as possibilidades de rever e compartilhar, por meio de atos de criação e de concretude social efetiva, uma outra potencialidade da arte do teatro: ser crítico e comprometer-se com a realidade social e histórica.